



Contemporânea
Contemporary Journal
3(8): 11117-11129, 2023
ISSN: 2447-0961

Artigo

A CONDIÇÃO BRASILEIRA

THE BRAZILIAN CONDITION

DOI: 10.56083/RCV3N8-064
Recebimento do original: 10/07/2023
Aceitação para publicação: 09/08/2023

Natalia Borges da Costa

Mestra em Segurança Pública
Instituição: Universidade Vila Velha (UVV)
Endereço: Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21, Boa Vista, Vila Velha – ES, CEP: 29102-920
E-mail: ntbgcosta@gmail.com

RESUMO: O tema proposto neste Artigo é: “A Condição Brasileira”. O desenvolvimento deste Artigo se deu sob a metodologia qualitativa com os métodos bibliográfico, qualitativo, referencial, interpretativo, descritivo e crítico-dialético. Refletir a respeito da Condição Brasileira é o objetivo principal deste Artigo, considerando que no Brasil constata-se, por exemplo, a existência de Favelas, onde se observa a ausência de vida digna, o desprezo aos direitos humanos e a desigualdade social. O Brasil é a representação da injustiça, da pobreza e da miséria. Inicialmente eu contextualizarei e analisarei a Condição Brasileira e por fim eu tecerei minhas Considerações Finais no segundo tópico, concluindo que a Educação é o principal caminho a ser trilhado. Espero que o meio acadêmico receba uma boa contribuição tanto prática quanto teórica através da realização de minhas análises.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos Humanos, Impessoalidade, Personalismo, Elite, Educação.

ABSTRACT: The theme proposed in this article is: "The Brazilian Condition". The development of this Article took place under the qualitative methodology with the bibliographic, qualitative, referential, interpretive, descriptive and dialectical-critical methods. Reflecting on the Brazilian Condition is the main objective of this article, considering that in Brazil we can see, for example, the existence of slums, where we observe the absence of dignified life, the

11117



disregard of human rights and social inequality. Brazil is the representation of injustice, poverty and misery. Initially I will contextualize and analyze the Brazilian Condition and finally I will weave my Final Considerations in the second topic, concluding that Education is the main path to be followed. I hope that the academic world will receive a good contribution both practical and theoretical through the performance of my analyzes.

KEYWORDS: Human Rights, Impersonality, Personalism, Elite, Education.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

O Brasil representa a miséria, a pobreza e a injustiça social. Nele presencia-se a ausência e o descaso aos direitos e garantias fundamentais, a ausência de vida digna. A justiça social e a vida digna são fundamentos e princípios radiantes da nossa Constituição Federal. Diante dessa problemática, o objetivo no presente Artigo é refletir a Condição Brasileira. Neste sentido, se utilizará da Metodologia Qualitativa e Referencial para o desenvolvimento do mesmo, que se dará em 2 tópicos após esta Introdução. O Tópico 1 contextualizará e analisará a Condição Brasileira; em seguida eu tecerei minhas Considerações Finais. Espera-se com o resultado das análises realizadas uma contribuição teórica e prática para o meio acadêmico.

2. A Condição Brasileira

Norbert Rouland, ao discorrer sobre a Roma antiga, nos afirma o seguinte:

(...) podemos perguntar-nos em que medida a pretensa 'revolução industrial' livrou o homem de interrogações fundamentais sobre seu destino e sua condição. (...) Na realidade, *veremos que em muitos*



pontos um cidadão da Roma antiga não raciocinava de modo diverso do nosso. (grifo nosso) (Rouland, 1997, p. 15).

Rouland segue explicando que nós herdamos muito do urbanismo romano, com o adendo de que a democracia antiga se correlaciona com a concepção de que temos desse regime, ainda que o solo político romano não tenha sido fertilizado pelas correntes democráticas.

Ademais, ele instituiu uma relação entre a democracia antiga e a democracia moderna, constatando que a moderna contém traços da antiga, traços estes que são reproduzidos através do poder representativo e das relações de clientela, legados que a democracia antiga nos deixou. Norbert Rouland explica que os primeiros romanos foram pastores seminômades, cujas sociedades conservavam tradições e cuja economia era de subsistência.

Desta forma, eles sempre desprezaram os comerciantes e os sedentários. Explica-se assim o desprezo dos pastores patrícios dirigido aos plebeus. Roma nasceu a partir do momento em que acontece o encontro entre os pastores do alto Tibre e os etruscos. Neste encontro, ocorreu o fenômeno da aculturação. E como o regime democrático grego lhes foi oferecido justamente pelos etruscos, explica-se também porque eles rejeitaram a democracia.

As camadas aristocráticas sempre se opuseram ao regime democrático. A plebe veio de fora, em busca de melhores condições de vida - da mesma forma que os nordestinos brasileiros se mudam para São Paulo ou Rio de Janeiro - pois a Itália havia se tornado um lugar cobiçado por outras comunidades urbanas também edificadas pelos etruscos. *Populus* (povo) era a aristocracia patrícia, ou seja, o contrário da plebe.

A urbe romana, desde seu início, foi antidemocrática. 1 ano antes da democracia ter sido instaurada em Atenas, a República (uma revolução de direita) foi criada pelos patrícios romanos. Ao expulsarem os etruscos, seus



reis foram embora, mas a plebe permaneceu. Com a pobreza e a fome, iniciou-se as lutas da plebe contra os patrícios. Após meio século de dilacerações, iniciaram-se reformas importantes.

Pero la conversión de Roma em uma ciudad-estado fue algo que ésta debió a los etruscos y, por consiguiente, nada constituyó un fundamento histórico tan importante para la historia social de la Roma temprana como el hecho de la dominación por aquel pueblo (Alföldy, 1996, p. 19).

Os patrícios tiveram que aceitar os novos ricos, que se tornaram uma nova classe dirigente. Eles não estavam satisfeitos apenas com o dinheiro, eles também queriam ter alguma participação no poder. Houve uma significativa melhoria para a plebe nos séculos IV e III. No século III, quando Roma deu-se conta de sua superioridade, iniciou então suas distantes operações: nasce então o imperialismo. E muito além da espada, foi a urbe romana que deu sua vitória nas colonizações.

E os romanos passarão a ler os filósofos gregos. Desta forma, as teorias democráticas serão difundidas por toda Roma. Apesar de Roma não ter se rendido à democracia, a helenização modificou o comportamento e o pensamento de uma parte da classe política (anos 150).

Os irmãos Graco tentaram aplicar alguns dos conceitos gregos, tais como valores morais com um conceito mais amplo de política e justiça social. Tibério passou a defender apaixonadamente a reforma agrária, representando um início de uma democracia econômica.

Após a morte de Tibério, seu irmão, Caio, atuou legislativamente não somente no que dizia respeito à reforma agrária, mas também limitando a influência do Senado, concedendo cidadania para todos os que viviam no Lácio, além de se preocupar diretamente com os mais pobres, iniciando uma campanha de obras públicas.

Ademais, Caio aprovou a “lei frumentícia”, pois a necessidade do trigo era enorme. As massas urbanas precisavam se alimentar. As massas



perigosas eram ludibriadas com festas: o que nem sempre funcionava, tendo em vista as Guerras Púnicas que ocorreram.

Sobre as festas, Norbert Rouland afirma: "*Em relação a essas realidades efêmeras, resta-nos o carnaval, onde queimamos o rei, da mesma forma como os soldados do Império matavam, no final, o monarca ridículo que inventaram no início da festa*" (Rouland, 1997, p. 168). O enredo de carnaval engana a consciência crítica, apagando sutilmente a consciência negra, pois as escolas de samba transformam em espetáculos a luta dos negros.

Apesar dos juristas romanos - da época clássica - afirmarem a máxima *suum cuique tribuere* (atribuir a cada um o que é seu), tal afirmação ainda estava um pouco distante da realidade dos patrícios X plebeus logo em seu início, pois no princípio os plebeus estavam relegados ao arbítrio dos patrícios. Mas o direito foi mudando de acordo com as respectivas mudanças na sociedade.

Roma não quis a democracia, pois sua aristocracia não tinha o interesse de descentralizar o poder de suas mãos. Se ela aceitasse a democracia, não teria sido capaz de construir o Império Romano.

Roma, contudo, não podia conhecer a democracia, uma vez que o poder, diferentemente de Atenas, ali era 'compartilhado' entre o Senado, as assembleias populares e os magistrados. Como compensação desse desmembramento, o cidadão lucrava a liberdade, isto é, 'a garantia de que a lei seria aplicada sem discriminações', e 'a certeza de que o direito de repressão por parte dos magistrados não seria sem limites'. Segundo esses autores, '...o que importa, afinal de contas, não é tanto saber se o povo 'governa', mas muito mais saber se ele é 'livre', isto é, se pode fazer uso pleno dos seus direitos'. A distinção parece-nos bastante artificial. A faculdade de poder fazer uso dos seus direitos seria verdadeiramente garantia de uma 'liberdade'? (Rouland, 1997, p. 398).

Norbert Rouland faz questão de afirmar que é impossível que a democracia e o clientelismo andem juntos numa mesma sociedade. Clientelismo este que ainda possuímos em nossa democracia moderna. Ou



seja, ainda precisamos avançar e muito para que alcancemos um status de uma genuína democracia.

O clientelismo particulariza, amplia e preserva os privilégios políticos: o que é uma afronta à democracia. Sérgio Buarque de Holanda, em sua Obra "Raízes do Brasil" (Holanda, 1976), discorre sobre os motivos que levaram a democracia brasileira ser um mal-entendido desde sua origem.

Sérgio Buarque fala sobre a influência ibérica no comportamento brasileiro e na sociedade brasileira, mas sua principal crítica é em relação à política estatal, pois ela é consequência de uma sociedade escravocrata, rural, em que o paternalismo impera entre os governantes (os quais tratam os órgãos públicos como se suas casas fossem).

Sérgio Buarque também cita a tragédia de Sófocles (Sófocles, 2007), na qual Creonte, como líder estatal, precisa condenar à morte sua sobrinha, ainda que esta tenha obedecido a seu coração, ao enterrar o irmão condenado pelo Estado a morrer sem sepulcro.

O personagem Batista, da Obra "Esaú e Jacó" (Assis, 2012), de Machado de Assis, para muitos, é a representação do Homem Cordial conceitualizado por Sérgio Buarque de Holanda em "Raízes do Brasil". Batista é fraco e é casado com uma mulher dominante.

Manipulado por ela, deixa os conservadores e consegue uma posição junto aos liberais. Ele se sente um conservador, mas se crê liberal. Ele não sabe o que é e não sabe em quem acreditar. Dessa maneira, ele torna-se um comissionado do republicano marechal Deodoro.

Com a ascensão de marechal Floriano, ele perde o cargo e volta para casa, arrependido de ter considerado as opiniões da esposa. Muitos entendem a cordialidade como a responsável por esse comportamento do Batista. Sérgio Buarque de Holanda mostrou a concepção de Homem Cordial, com sua afabilidade, que não é boa educação.

A cordialidade surge de uma necessidade de intimidade, herança patriarcal e rural. Ela se resume a atitudes com aparências afáveis. Ela é



compreendida como a culpada pelo atraso do Brasil, justamente porque ela bloqueia a circulação das ideias, travando a liberdade de um debate sincero.

Por causa dela, não se apontam as falhas alheias, para não se desagradar o outro. Consequentemente, os políticos brasileiros são desse jeito, homens desprovidos de convicções ideológicas e políticas, e Batista é o estereótipo deles, fazendo as palavras de sua esposa: “... *não é preciso ter as mesmas ideias para dançar a mesma quadrilha*” (Assis, 2012, p. 124).

Sérgio Buarque mostra o conflito entre os interesses do Estado e os interesses do indivíduo. “*A lei é dura, mas é a lei*” (JUSBRASIL, 2020). Essa é a principal crítica de Sérgio Buarque, de que a sociedade não prioriza os interesses públicos, mas sim o favoritismo pessoal, confundindo o público com o privado.

Uma sociedade que nomeia pessoas para cargos públicos não por mérito e por competência, e sim por serem membros das famílias dos governantes. O nepotismo é uma herança dos nobres europeus. Sérgio Buarque mostra que o Estado precisa ser impessoal, ainda que seja necessário condenar um membro da família, pois manter a ordem pública é o principal objetivo da Constituição.

O Estado Democrático foi negado por Sérgio Buarque, pois os brasileiros negligenciam a impessoalidade. O grande Nelson Rodrigues já disse: “*O ser humano é capaz de tudo, até de uma boa ação; não é, porém, capaz de imparcialidade*” (Rodrigues, 1997). As formas de se expressar e de pensar de Nelson Rodrigues, foram, no mínimo, originais.

Ele teve coragem de dizer o que ninguém ousava dizer, mostrando os segredos da alma humana, revelando a verdade escondida nos labirintos secretos do homem. A verdade nua e crua – imaginada por muitos e se não vivida por todos – foi transmitida em suas obras. Os leitores e espectadores até podem rotular os temas de Nelson Rodrigues como pervertidos, mas jamais podem dizer que se trata de uma insensata ficção.



É assombrosa a capacidade de Nelson Rodrigues de fazer a comoção render-se tão bem ao jugo da razão. Nelson Rodrigues, sem erudição ou academicismo, foi capaz de sintetizar a realidade humana em ideias básicas, interpretando o espírito do homem. Ele foi uma unanimidade fragmentada, pois ama-se ou odeia-se Nelson Rodrigues.

Imparcialidade é algo que nunca foi visto em suas obras: uma unanimidade, que foi pelo próprio Nelson Rodrigues, classificada como burra. A palavra imparcialidade, que também é um sentimento, converteu-se em uma potência assim como todas as outras palavras atingidas por ele.

Nelson Rodrigues está em pé de igualdade com qualquer outro gênio da literatura em sua excentricidade. Tal comprovação ainda gera controvérsia, pois, como toda unanimidade, sempre sofrerá oposição. Suas obras, quando versam sobre a dor e a paixão humana, consequentemente tratam dos sistemas psicológicos reconhecidos em obsessão, trauma, mania, angústia, tara, rebeldia.

Desconstruindo a dor e a paixão do homem, ele também coloca o homem em cada um de seus personagens, fragmentando o homem em sujo e puro ao mesmo tempo e mostrando que o homem é apenas humano. Assim, Nelson Rodrigues revela a imparcialidade humana, pois o homem, na sua maioria das vezes, prioriza suas paixões em detrimento do outro ou de um bem comum.

Sérgio Buarque de Holanda examinou o conceito de personalismo, em especial, o personalismo brasileiro. Segundo ele, o personalismo é um legado português típico da cultura ibérica, que herdamos por causa da precoce consolidação da Estados Nacionais – comparada aos outros europeus – rejeitando assim, a herança do determinismo climático ou biológico.

Ele explicou a originalidade e a perseverança dos ibéricos em manter seus tradicionais hábitos de vida, com essa precoce consolidação. Sendo assim, a sociedade brasileira recebeu o individualismo e a não aceitação de hierarquia ibéricos, resultando na falta de união, na cultura em que o



particular é priorizado em detrimento do público e na fraqueza das instituições brasileiras.

Segundo ele, esse individualismo levou os ibéricos – e depois os brasileiros – a uma cultura na qual o trabalho manual não é aceito, pois este era visto como uma devoção a algo externo ao homem. Ele também afirmou que os brasileiros herdaram dos portugueses o desleixo, a repulsa por submissão e a paixão pela preguiça.

Para Sérgio Buarque de Holanda, até a religião foi contaminada com esse personalismo. Ele descreve como o catolicismo brasileiro trata seus santos com intimidade e sem nenhuma reverência, intimista, fraterno, amável, fazendo com que as distâncias desapareçam, sem nenhuma cerimônia.

O culto católico brasileiro, de acordo com ele, se resulta num culto sem rigor e sem obrigações, familiar, com um caráter íntimo, o qual Sérgio Buarque nomeia de culto democrático, pois é um culto que dispensa todo zelo, todo esforço, toda severidade sobre ele mesmo, fazendo com que o sentimento religioso brasileiro fosse corrompido.

A impossibilidade de uma naturalização da democracia entre os brasileiros também foi uma consequência da cultura do personalismo. Sérgio Buarque afirma que a democracia no Brasil foi um triste mal-entendido. Segundo ele, a democracia foi importada e adaptada aqui aos mesmos interesses e privilégios que antes, na Europa, eram os interesses e privilégios da burguesia contra os aristocratas, pois a democracia aqui foi importada pela aristocracia semifeudal e rural, que a adaptou a esses mesmos interesses e privilégios.

À época, os lemas da luta da burguesia contra os aristocratas – europeus – pareciam ser os mais harmonizados para aquele tempo, lemas estes que eram engrandecidos em discursos e livros. Sendo assim, a nossa aristocracia semifeudal e rural incorporou estes lemas – pelo menos como decoração externa ou fachada – à situação tradicional.



3. Considerações Finais

A imparcialidade humana e o personalismo brasileiro – ambos os objetos de estudo de Nelson Rodrigues e Sérgio Buarque, respectivamente – dão uma avaliação da sociedade brasileira. Nelson Rodrigues demonstrou o quanto o homem, por natureza e instinto, não é imparcial, pois a natureza humana, instintivamente falando, é incapaz de ser reta e justa, é incapaz de julgar como deve julgar entre interesses opostos.

Ela é incapaz de não favorecer a si mesma ou a seus pares em detrimento de outrem. Já Sérgio Buarque demonstrou o quanto o brasileiro é personalista, pois sempre atribui tudo a si próprio, é individualista, sempre se opondo ao sistema da associação, fazendo o público ser invadido pelo particular, criando assim instituições débeis e ineficazes.

O instinto humano de não imparcialidade e o personalismo só podem ser revertidos com a educação e a instrução. A educação faz o homem aprender que sua natureza pode ser controlada por seu racionalismo, aprendendo assim a ser um animal racional. Um homem instruído aprende a pensar, a dialogar, aprende que o egoísmo humano só levou a humanidade para guerras e desigualdade social.

Aprende que a imparcialidade vence o egoísmo – uma das piores paixões do homem; que a falta de personalismo faz emergir a justiça. E o essencial: com a educação, o homem consegue sair da pobreza – tanto física quanto emocional – superando seus dramas psicológicos, galgando empregos melhores, podendo mudar de posição social, pois isso é uma verdadeira democracia: um sistema no qual todos tem chances, onde um cidadão pobre tem a oportunidade de crescer.

Uma sociedade justa, que vence a não imparcialidade e o personalismo com a educação. Celso Furtado constatou que: *“Em nenhum momento de nossa história foi tão grande a distância entre o que somos e o que*



esperávamos ser” (Furtado, 1999, p. 26). A reflexão clássica de Celso Furtado é, acima de tudo, uma crítica às condições sociais do Brasil.

Ele avaliou os problemas contemporâneos do país e demonstrou sua desilusão. Ele criticou a globalização que levou o Brasil ao endividamento externo, mas, sobretudo, ele criticou a Elite Brasileira e a forma como a mesma reage à crise, sendo ele categórico em afirmar que é a própria Elite a responsável pela incapacidade do povo brasileiro de retomar seu desenvolvimento.

Mais do que oferecer explicações econômicas para o subdesenvolvimento e o desenvolvimento, ele posicionou nosso país no contexto mundial, analisando nossa política e nossa sociedade, oferecendo soluções para os problemas. Suas ambições eram frustrantes, pois o Brasil ficou aquém de seus sonhos, mas Celso Furtado nunca desistiu do desenvolvimento do Brasil.

Assim como Celso Furtado, Darcy Ribeiro foi um incansável e polêmico lutador na causa de um modelo desenvolvimentista justo para todos os cidadãos brasileiros, que seria alcançado com a educação. Ele foi categórico na afirmação de que o sistema educacional brasileiro é elitista e que exclui as crianças pobres e de classes populares.

Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu (Ribeiro, 2020).

Darcy Ribeiro é a prova de que o conceito de fracasso é muito relativo. Celso Furtado e Darcy Ribeiro deixaram um legado ideológico como herança para todos nós; ambos se indignaram com as injustiças em nosso país e nunca se resignaram. Os sonhos de Celso Furtado e de Darcy Ribeiro inspiraram e ainda inspiram tantos brasileiros, que também sonham com um Brasil melhor.



A existência de Favelas, por exemplo, é um exemplo de ausência de políticas públicas direcionadas; as políticas públicas materializam com efetividade os direitos e as garantias fundamentais, que estão ausentes na Favela. A falta de políticas públicas contribui com a pobreza, com a miséria e com o descaso aos direitos fundamentais. A Favela retrata a ausência de existência de vida digna e justiça social, que são fundamentos e princípios brilhantemente elencados na Constituição Federal. É necessário lutarmos incessantemente em prol disto.



Referências

ALFÖLDY, Géza. (1996), *Historia social de Roma*. Madrid: Alianza Editorial.

ASSIS, Machado de. (2012), *Esaú e Jacó*. São Paulo: Companhia das Letras.

FURTADO, Celso. (1999), *O longo amanhecer – ensaios sobre a formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1976), *Raízes do Brasil*. (1936). Rio de Janeiro: José Olympio.

JUSBASIL. “Dura Lex Sed Lex”. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/297064/dura-lex-sed-lex> Acesso em: 14 set. 2020.

RIBEIRO, Darcy. “Documentário Darcy Ribeiro, o guerreiro sonhador”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmnLTIQNoaM> Acesso em 21 set. 2020.

RODRIGUES, Nelson; CASTRO, Ruy (org.). (1997), *Flor de Obsessão*. São Paulo: Companhia Das Letras.

ROULAND, Norbert. (1997), *Roma, democracia impossível? Os agentes do poder na urbe romana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

SÓFOCLES. (2007), *Édipo Rei – Antígona*. São Paulo: Martin Claret Editora.